
DIÁLOGOS BATISTAS
As conversas entre os batistas e outros grupos cristãos

BAPTIST DIALOGS
Talks between Baptists and other Christian groups

Jorge Vinicius Vargas Machado*

Introdução

O presente artigo visa apresentar alguns documentos produzidos a partir dos diálogos travados entre a Aliança Batista Mundial (ABM) e diversos grupos como a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas, a Federação Luterana Mundial, a Conferência Menonita Mundial, a Comunhão Anglicana e o Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos.

Todos esses diálogos são movimentações oficiais das entidades envolvidas, e que produziram documentos de fé que reconhecem as diferenças entre as crenças, mas que se preocupam muito mais em manter a unidade. O esforço é por manter um discurso de concordância no que for possível por entenderem que a oração de Jesus por unidade em João 17 diz que só quando os crentes forem um o mundo crerá que o Pai o enviou.

1. O diálogo com as igrejas reformadas

Entre 1969 e 1973 a Aliança Batista Mundial e a Aliança Mundial de Igrejas Reformadas tiveram diálogos de vários níveis. Esses diálogos levaram a um acordo para que entre 1973 e 1977 ao longo de quatro encontros, fosse produzido um documento de diálogo entre as duas tradições. O *“Baptist-Reformed dialogue”* foi lançado em 1977 e, sem esquecer que existem diferenças, ressaltam a origem comum de ambos os grupos desde a Reforma, traçam linhas gerais de entendimento trabalhando temas que são importantes para ambas as tradições.

O documento começa falando da centralidade da Escritura, a qual ambos reconhecem como regra de fé e prática. Segue tratando da eclesiologia, encarando

* Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV) e pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB).
E-mail: jviniciusvargas@gmail.com

alguns pontos de conflito como os conceitos de povo de Deus; e de nova aliança, que para os reformados se dá em nível comunitário enquanto que para os batistas a relação da aliança é individual; o status das crianças filhos de pais crentes, é outro ponto discordante: os batistas reconhecem a importância de os pais integrarem as crianças na Igreja, apesar de não batizá-las e os reformados reconhecem que batizar crianças não significa que elas vão permanecer na fé cristã. A igreja é, para os reformados, uma comunidade de salvação e para os batistas uma missão evangelizadora de cada crente.

Ambos concordam que o batismo é essencial, mas discordam quando o assunto é a necessidade de uma fé que preceda o batismo. Ainda assim entendem o batismo como sacramento da salvação, que une a Cristo o que vale muito mais do que a união a uma organização humana. O batismo torna a pessoa membro do corpo de Cristo (a Igreja), ligada a cabeça do corpo (Cristo). Seja como for a prática do batismo, é consenso de que ele é obra do espírito Santo. O mesmo espírito que capacita os crentes para o exercício dos ministérios na Igreja, que é entendida em duas instâncias: local e universal. A igreja universal pertence a Cristo, e a Igreja local faz parte da primeira.

2. O diálogo com os Luteranos

A partir de 1975 começaram as conversas entre a Aliança Batista Mundial e a Federação Luterana Mundial. Mas apenas em 1984, decidiram reunir-se para a composição de um documento comum. Foram realizados 4 encontros, um por ano entre 1986 e 1989. A proposta da ABM era discutir cinco aspectos importantes: Fé, Graça, Batismo, Eclesiologia e Ministério. Durante os encontros, o documento de Lima intitulado “Batismo, Eucaristia e Ministério” publicado em 1982, teve um importante papel durante os trabalhos.

O documento produzido, chamado de “*Baptists and Lutherans in Conversation: A Message to Our Churches*”, foi lançado em 1990 e começa por reafirmar que a autoridade da pregação e do ensino cristão tem origem em Deus. O princípio do Sola Scriptura é lembrado para dizer que a autoridade da pregação e do ensino devem ter por base a Bíblia. E que esta deve ser lida e interpretada a partir do contexto em que foi escrita, aplicada ao contexto em que se vive.

Ambos concordam que todos os crentes são chamados por Deus para um ministério na Igreja, mas entre eles há alguns chamados para uma tarefa específica: o ministério pastoral. Os luteranos, no entanto, enfatizam a tarefa deles no interior da Igreja, enquanto os batistas enfatizam sua missão evangelística e missionária.

As igrejas são encorajadas a: participar de encontros interdenominacionais de pastores, fazer intercâmbio de púlpitos, cultos de adoração e evangelismo em conjunto. Aos teólogos e estudantes de teologia é pedido um aprofundamento no estudo das questões que unem a ambos¹.

O tema do batismo esbarrou mais uma vez na questão do batismo infantil. Ambos, no entanto concordam que batismo, fé e discipulado estão intimamente ligados. Concordam em muitos aspectos sobretudo no que diz respeito a não haver um texto único no NT que trate de toda a doutrina do batismo. Concordam que o batismo tem suas particularidades. Divergem no aspecto teológico, onde os luteranos entendem o batismo como o ato em que Deus dá o dom da salvação recebido pela fé. Mas o batismo continua válido mesmo sem fé². Para os batistas o processo é inverso: o batismo é ministrado a quem tem fé. É parte do processo da salvação, mas não é o primeiro passo. Antropologicamente, isso está ligado ao direito que cada pessoa tem de escolher ou não ser batizada. As diferenças, contudo, não impedem o diálogo e a continuidade da questão do estudo sobre o batismo infantil é incentivada para que seja diminuída ainda mais a diferença de pensamento entre os dois grupos.

3. O diálogo com os Menonitas

Como parte do processo do diálogo da Aliança Batista Mundial com outros grupos de confissão cristã, em 1988, iniciaram-se as conversas com a Conferência Menonita Mundial. As conversas ocorreram entre 1989 e 1992. O documento publicado é fruto do trabalho de batistas e menonitas norte-americanos que

¹ Baptist-Lutheran Joint Commission. Baptists and Lutherans in Conversation: A Message to Our Churches, 27

² Baptist-Lutheran Joint Commission. Baptists and Lutherans in Conversation: A Message to Our Churches, 39

reconhecem ter conhecimento limitado das realidades das igrejas da África, Ásia e da América Latina³.

O documento fala da autoridade. Ali, conjuntamente batistas e menonitas afirmam a Escritura como Palavra de Deus escrita, enfatizando o Novo Testamento como o guia para a fé e a vida; a autoridade máxima do Cristo da Escritura; entendem o Espírito Santo como Aquele que dá a vida a Escritura e é a constante presença de Cristo em seu povo; veem "a congregação reunida", como locus principal de discernimento e tomada de decisão. E reconhecem que nenhum dos dois grupos abraça a algum tipo de credo. Concordam ainda que batistas e menonitas sentiram o impacto dos desenvolvimentos científicos e intelectuais modernos que criaram tensões e fragmentação.

Há também as divergências: menonitas tendem a apelar para o Jesus dos Sinóticos e particularmente o Sermão da Montanha, enquanto os batistas têm tendência a recorrer a fontes joaninas e paulinas; os batistas tendem a enfatizar a "ortodoxia" (crença correta é aquela relacionada à Escritura e às confissões de fé), enquanto os menonitas tendem a enfatizar "ortopraxia" (prática correta fruto de discipulado fiel). Ainda, batistas estão preocupados com "a liberdade da alma" e com responsabilidade individual diante de Deus enquanto que menonitas estão preocupados com a prestação de contas a Deus através da comunidade.

No que diz respeito à igreja, entendem a igreja dos crentes como uma igreja livre, um corpo voluntário de crentes batizados mediante confissão de fé; veem a congregação local (ou seja, uma comunidade reunida) como a expressão primária da Igreja; afirmam a interdependência das congregações em associações e conferências; e tem uma preocupação cautelosa para o cristianismo cooperativo além das fronteiras denominacionais; além disso enfatizam a importância de uma vida comunitária forte e quente.

Mas divergem quando reconhecem que historicamente Batistas tendem a compreender a morte de Cristo como expiação vicária, substitutiva pelo pecado, enquanto os menonitas tendem a enfatizar a morte de Cristo como uma demonstração de amor sofrido de Deus, reconciliando o mundo com Ele mesmo.

³ Baptist World Alliance and Mennonite World Conference. Baptists and Mennonites in dialogue, p. 6

Ainda, batistas enfatizam a salvação pessoal ao passo que menonitas enfatizam o compromisso de seguir a Cristo na vida. Os batistas veem a imersão como o modo correto de batismo para representar a identificação dos crentes com a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Os Menonitas praticam vários modos de batismo. Os menonitas muitas vezes veem o sofrimento como uma marca da verdadeira Igreja enquanto que os Batistas não. Ainda, os menonitas tem sido mais preocupados com questões de disciplina da igreja do que os batistas foram.

Quanto à missão da Igreja no mundo, batistas e menonitas afirmam o senhorio de Cristo sobre a criação e sobre a vida humana; afirmam Jesus Cristo como o único meio de salvação e a norma para a fé e a vida em todas as culturas; veem a Igreja como testemunha de Jesus Cristo em palavras e atos como uma dimensão essencial da vida da Igreja; defendem que a igreja deve ser livre, ou seja, nem a Igreja nem o Estado devem dominar o outro (separação entre Igreja e Estado); ambos, batistas e menonitas, têm fortes programas de missões no exterior, resultando em igrejas indígenas vigorosas em muitas nações.

Divergem também quanto a missão. A identidade batista é moldada mais pela preocupação com a proclamação, enquanto a identidade Menonita é moldada mais pelo serviço. Os menonitas são historicamente uma igreja que defende a paz e não-resistência como aspecto fundamental do evangelho. Os batistas se identificam com uma tradição que defende a guerra justa. Os batistas geralmente afirmam a importância da participação na ordem política, enquanto os menonitas tendem a vê-la com ceticismo. Os batistas são frequentemente solidários com as preocupações patrióticas e nacionais, menonitas tendem a rejeitar essas preocupações nacionalistas. Diferentes dos Batistas, os Menonitas muitas vezes têm visto o sofrimento como um sinal de fidelidade.

4. O diálogo com os Anglicanos

Entre os anos 2000 e 2005, a Aliança Batista Mundial e a Comunhão Anglicana encontraram-se para travar diálogos de entendimento. Juntos, produziram o documento “*Conversations around the world*”.

A igreja batista se origina da Igreja Anglicana. Esta por sua vez num primeiro momento se identifica com a Igreja da Inglaterra, feita para os ingleses.

Posteriormente, essa identificação se amplia. Ela se identifica com a Igreja do Novo Testamento por sua visão bíblica e com a Tradição da Igreja. Neste ponto, ambas se encontram. Também porque as duas têm em sua história um período de apoio colonial já superado.

Quanto às confissões de fé, batistas não reconhecem um credo como os anglicanos. Mas mantêm declarações e confissões que por vezes são tomadas como credos. Ambos reconhecem que a autoridade na Igreja é de Jesus Cristo. A Escritura é fonte de autoridade, mas deve ser interpretada à luz de cada tempo. Quanto à missão da Igreja, a ênfase anglicana está em preparar pastores para as igrejas, enquanto os batistas têm no centro de sua preocupação o evangelismo. Ambos têm preocupação de que a mensagem do evangelho seja associada ao atendimento das necessidades humanas. Ambos pregam o evangelho e acham importante ver a igreja crescer numericamente, mas valorizam bem mais a questão da qualidade do discipulado. Ambas as confissões compartilham a ideia de um sacerdócio universal de todos os crentes e encorajam os crentes de suas igrejas a usarem seus dons espirituais na obra do Reino de Deus.

Como na maioria dos casos quando se fala da iniciação cristã, há discordância. Os batistas não reconhecem o batismo de alguém que não seja capaz por si só de confessar sua fé. Por isso, não consideram batizar alguém batizado quando criança como re-batismo. Os anglicanos consideram essa postura como uma quebra da comunhão cristã. Anglicanos consideram o batismo como ponto de partida da iniciação cristã. Batistas consideram como o fim do trajeto.

Quanto a ceia do Senhor (ou eucaristia) os batistas a têm por ordenança memorial, anglicanos a tomam por sacramento. Ministradas pelo pastor ordenado, embora as funções variem entre as confissões bem como as relações entre as igrejas. As igrejas anglicanas se associam em modelo episcopal, as igrejas batistas reúnem em associações, mas preservando a independência e autonomia entre cada uma delas.

5. O diálogo com os Católicos Romanos

As conversas entre católicos e batistas teve início depois do Concílio Vaticano II, entretanto, somente quase duas décadas depois foram produzidos dois

documentos em decorrência das duas rodadas de conversas entre batistas e católicos romanos. O primeiro refere-se às conversas ocorridas pela Comissão de Doutrina Batista e de Cooperação Inter eclesial da Aliança Batista Mundial e o Pontifício Conselho para a promoção da unidade dos cristãos que ocorreram entre 1984 e 1988, quando durante cinco encontros, debateram sobre o tema do “testemunho cristão no mundo de hoje”.

Durantes os encontros, ficou clara a concordância quanto: a centralidade da revelação salvífica de Deus em Jesus Cristo; a obra ativa do Espírito Santo; e o imperativo missionário que emerge da ação redentora de Deus em favor da humanidade. A meta principal dessas conversas era chegar a um entendimento mútuo das divergências e convergências entre as duas famílias cristãs. Metas adicionais foram incluídas: criar e manter um canal de comunicação que busque também um auto entendimento; identificar novas oportunidades, bem como esclarecer as dificuldades existentes em relação a um testemunho comum tendo em vista a situação atual do mundo e o mandato de Cristo de proclamar o evangelho; e enfrentar preconceitos existentes entre as nossas duas famílias confessionais em nível mundial.

O tema geral era o testemunho cristão no mundo e cada um dos cinco encontros tratou de um aspecto desse tema. Assim, o primeiro encontro foi sobre ‘Evangelismo/Evangelização: a missão da Igreja’. O segundo sobre Cristologia, conversão e discipulado. O terceiro falou da Igreja como koinonia do Espírito. O quarto encontro ocorrido em Roma falou sobre proselitismo e restrição a liberdade religiosa. O último encontro foi um apanhado de tudo que foi produzido durante as conversas.

O documento afirma conjuntamente a responsabilidade de ambos no testemunho da fé em Cristo, entendem que Deus chama a todos à conversão e que o testemunho cristão deve ser presente na Igreja e no mundo. Ambos rejeitam toda forma de cerceamento a liberdade religiosa bem com de coação para acolhida de qualquer fé. Entendem que o anúncio da boa nova deve ser feito em espírito de amor e humildade; enfatizam a liberdade individual de cada um a ser evangelizado; e que indivíduos e comunidades não podem ser impedidos de darem seu próprio testemunho de fé.

Ficaram, contudo, algumas divergências. Batistas creem que a autoridade e o método de produção teológica baseiam-se na leitura da Bíblia iluminada pelo Espírito Santo (um princípio da Reforma), por sua vez os católicos interpretam a revelação de Deus à luz da Tradição da Igreja⁴. Outra questão é eclesiológica e tem a ver com a forma como as igrejas vivem sua koinonia, enquanto há relação hierárquica na estrutura católica, batistas defendem a autonomia de cada igreja local. A questão do batismo como resposta à fé ou como início da jornada de fé permanece não resolvida. Bem como, o reconhecimento (por parte dos batistas) da legitimidade do batismo dos que foram batizados nas outras tradições cristãs. O papel de Maria que é tão enfatizado pelos católicos e pouco trabalhado pelos batistas ficou sem consenso, mas se comprometeram que: Católicos Romanos devem tentar entender e simpatizar com os graves problemas que os batistas têm com a devoção e a doutrina mariana. Os Batistas devem tentar compreender não só os fundamentos bíblicos e teológicos da doutrina e da devoção Mariana, mas a sua importância na piedade popular e na prática religiosa⁵.

Embora essas conversas não tenham resolvidos todas as questões entre os dois grupos, um canal de comunicação e diálogo foi aberto de maneira que anos mais tarde foi possível retomar as conversas.

Entre os anos 2006-2010, houve uma nova rodada de diálogo, mas dessa vez sob um novo enfoque: “A palavra de Deus na vida da Igreja”. Segundo o documento que foi produzido, os encontros tinham objetivos bem definidos:

O objetivo dessas conversas é responder à oração de nosso Senhor Jesus Cristo ao Pai pelos seus discípulos" que todos sejam um ... para que o mundo creia "(Jo 17:21). Enfrentando os desafios do nosso mundo de hoje, acreditamos que isso significa que devemos continuar a explorar o nosso terreno comum no ensino bíblico, na fé apostólica e na prática da vida cristã, bem como nas áreas que ainda nos dividem, a fim de: 1. Aumentar a nossa compreensão mútua, a valorização do outro e a caridade cristã para com o outro; 2. Promover uma vida compartilhada do discipulado dentro da comunhão do Deus trino; 3. Desenvolver e ampliar um testemunho comum de Jesus Cristo como o Salvador do mundo e o Senhor de toda a vida; 4. Incentivar novas medidas em conjunto sobre questões éticas, incluindo a justiça, a paz e a santidade da vida, em harmonia com o propósito de Deus e para o louvor da glória de Deus."⁶

Os cinco encontros trataram de temas de interesse comum: a autoridade de Cristo na Escritura e na Tradição; o Batismo e a Ceia do Senhor/Eucaristia como

⁴ DV 10

⁵ The Baptist-Roman Catholic International Conversations, 57

⁶ The word of God in the life of the church, 1

uma palavra visível de Deus na *koinonia* da Igreja; Maria na comunhão da Igreja; supervisão e primazia no ministério da Igreja, além de um encontro final para recolher tudo que foi proveitoso nos encontros anteriores.

No documento se afirma que a comunhão da Igreja está baseada na comunhão eterna da Trindade, e esta comunhão é continuamente atualizada na Ceia do Senhor que é ao mesmo tempo a palavra de Deus como um sacramento (ou ordenança). Concordam que a Bíblia é escritura inspirada por Deus e é a fonte da história do Deus triúno da qual todos os adoradores participam. Reconhecem assim que a sagrada escritura nasceu dentro do contexto da liturgia e dá vida a adoração dos cristãos. Apesar disso, divergem quanto ao cânon do Antigo Testamento, uma vez que os dêutero-canônicos incluídos na Vulgata e na Septuaginta, confirmados pelo Concílio de Trento não fazem parte da lista de livros inspirados aceita pela Reforma Protestante, cânon esse que os Batistas acolheram. Mas isso não faz com que seu valor como literatura devocional seja negado. Católicos e Batistas concordam que tanto o Antigo Testamento quanto o Novo Testamento forma uma história coerente que requer uma interpretação cristocêntrica.

A Bíblia e a Tradição são entendidas não como duas fontes de revelação, mas como sendo de uma mesma origem: a auto revelação do Deus triúno em Cristo. Apesar disso a interpretação sobre a relação entre Escritura e Tradição varia muito entre os dois grupos. Além da antiga diferença sobre a autoridade para interpretar o próprio texto sagrado.

Quando tratam da Ceia do Senhor, elemento central na vida da Igreja, buscam fazer convergir os termos ordenança e sacramento.

Os termos "sacramento" e "ordenança" expressam próprio dom do amor (ágape) e a resposta humana cheia de fé. O sacramento / ordenança torna-se o ponto de intersecção entre um compromisso divino e um compromisso humano, onde a prioridade pertence ao ato salvífico de Deus⁷.

No que diz respeito ao batismo, reconhecem que faz parte da caminhada da fé e da iniciação cristã. Deve ser administrado com água, preferencialmente, mas não obrigatoriamente por imersão sob a fórmula: "Te batizo em nome do Pai, do

⁷ The word of God in the life of the church, 77

Filho e do Espírito Santo”⁸. O batismo simboliza perdão dos pecados e novo nascimento.

Quanto ao Lugar de Maria, reconhecem sua importância no Novo Testamento. Afirmam que deve ser honrada e chamada de ‘agraciada’ por todos os cristãos. A crença nela deve ser enraizada na Escritura, garantida pela escritura e não pode contradizer a escritura. Por não estar claramente expresso nas Escrituras os batistas não reconhecem sua virgindade perpétua, sua imaculada concepção e sua assunção corpórea, que os católicos tem como revelação de Deus.

O documento concorda em chama-la de ‘mãe de Deus’ pois reconhece a divindade de Jesus, mas se restringe a natureza humana de Jesus e não a sua natureza divina. Ambos creem que ela foi redimida por Cristo. Ela é o modelo de discipulado, de escuta cheia de fé e de obediência à Palavra de Deus. Todos os cristãos são solidários a ela que foi a primeira discípula do Novo Testamento.

A igreja é tratada a partir de Cristo, seu cabeça, fundador e sustentador. Ela tem alguns em seu meio que recebem de Deus o dom de conduzir o povo de Deus, para habilitar e equipar o corpo de Cristo. As divergências surgem quando se trata do âmbito de atuação dos que exercem a função de *Episkope*, para os católicos há uma ligação vertical com a Igreja Universal e para os batistas, a função de *Episkope* está ligada apenas a igreja local. Mas sem negar que espiritualmente está ligada como igreja a todos os crentes do mundo.

Conclusão

Em âmbito nacional, a Convenção Batista Brasileira não tem divulgado nenhum documento de diálogo intereclesial. Todos os movimentos feitos no Brasil nesse sentido são individuais e não representam consenso na denominação. Nem mesmo os documentos da ABM são tomados como oficiais no Brasil, e não há registros de que tenham sido traduzidos. Todas as fontes consultadas estão escritas em inglês.

Ainda assim tem sua validade em âmbito nacional devido a participação ativa dos batistas brasileiros na ABM: o Brasil já teve dois presidentes da ABM e

⁸ The word of God in the life of the church, 108

sediará em 2020 o próximo congresso da ABM no Rio de Janeiro. Assim sendo, esses documentos que brevemente foram apresentados trazem algo de oficial que a despeito da autonomia das igrejas batistas representa uma fala oficial de órgão mundialmente reconhecido.

BIBLIOGRAFIA

BAPTIST WORLD ALLIANCE AND ANGLICAN COMMUNION. **Conversations Around the World: The Report of the International Conversations Between the Anglican Communion and the Baptist World Alliance 2000-2005.** Virginia: Baptist World Alliance, 2005.

BAPTIST WORLD ALLIANCE AND MENNONITE WORLD CONFERENCE. **Baptists and Mennonites in dialogue.** Virginia: Baptist World Alliance, 2013.

BAPTIST WORLD ALLIANCE AND PONTIFICAL COUNCIL FOR PROMOTING CHRISTIAN UNITY. **The Baptist-Roman Catholic International Conversations 1984-1988.** Atlanta: Baptist World Alliance, 1988.

BAPTIST WORLD ALLIANCE AND WORLD ALLIANCE OF REFORMED CHURCHES. **Baptists and Reformed in Dialogue.** Virginia: Baptist World Alliance, 2013.

BAPTIST-LUTHERAN JOINT COMMISSION. **Baptists and Lutherans in Conversation: A Message to Our Churches.** Virginia: Baptist World Alliance and Lutheran World Federation, 1990.

JOINT INTERNATIONAL COMMISSION. **The Word Of God In The Life Of The Church: A Report Of International Conversations Between The Catholic Church And The Baptist World Alliance, 2006-2010.** Virginia: Baptist World Alliance, 2013.

Recebido em 12 de fevereiro de 2017

Aprovado em 20 de junho de 2017